

“BALLET NUMA CASA DE PAGODE”: DISCURSO E COLONIZAÇÃO

Iule Carla Pinheiro Vargas

Universidade Federal de Rondônia

E-mail: iulevargas82@gmail.com

Nair Ferreira Gurgel do Amaral

Universidade Federal de Rondônia

E-mail: nairgurgel@uol.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar uma notícia jornalística cujo tema é “*Ballet numa casa de pagode*”, escrito por um professor da rede pública de Porto Velho/RO. A proposta é analisar os discursos colonizadores do autor e para isso trabalharemos à luz da análise de discurso francesa e das teorias dos estudos coloniais. Ressaltaremos, nas análises, elementos e estratégias discursivas que inscreveram essa notícia em um gesto de colonização a respeito da cidade de Porto Velho exposto através das formações discursivas e ideológicas. A respeito dos estudos coloniais, traremos contribuições de Silva e Nenevé, Sampaio, Nenevé e Proença e Memmi. A respeito da análise de discurso, traremos as contribuições de Pêcheux e Orlandi.

Palavras-chave: Colonização; Discurso; Cultura; Porto Velho; Diversidade Cultural.

Abstract: The proposal of our article is to work a news article whose theme is “Ballet in a house of pagoda”, written by a professor of the public network of Porto Velho / RO. The intention is to analyze the author's colonizing discourses and for this we will work in the light of French discourse analysis and theories of colonial studies. We will extract from the analyzes elements and discursive strategies that inscribed this news in a gesture of colonization about the city of Porto Velho exposed through the discursive and ideological formations. Regarding the colonial studies, we will bring contributions from Silva and Nenevé, Sampaio, Nenevé and Proença and Memmi. Regarding discourse analysis, we will bring the contributions of Pêcheux and Orlandi.

Keywords: Colonization; Speech; Culture; Porto Velho; Cultural diversity.

Introdução

Os temas de comunicação social, publicidade e/ou jornalismo estão na nossa pauta de investigação no âmbito da academia, pela nossa formação e, também, atuação profissional. No presente trabalho, pretendemos abordar como um material

jornalístico produzido por um professor, em Porto Velho/RO foi capaz de emitir um discurso colonizador sobre a própria cidade. Dentre os elementos do discurso, o material jornalístico apresenta que “mesmo sendo uma cidade considerada como o fim do mundo, Porto Velho, a esquecida e imunda capital das “sentinelas avançadas”, por incrível que pareça, recebeu uma companhia de balé internacional para uma inédita apresentação de apenas uma noite”. Dessa forma, analisaremos os efeitos e sentidos desse discurso à luz teórica dos estudos coloniais e também abordaremos as ideologias exaradas por esse discurso colonizador à luz teórica da análise de discurso francesa.

Introdução aos assuntos coloniais

Em nossas leituras, encontramos os estudos de Sampaio (2010, p. 35) que nos apresenta como ocorre a forma de colonização.

A aparente neutralidade do espaço da cidade que se formava, sublimava dois mundos e duas maneiras de viver e se comportar. De um lado os nativos com todas as pechas atribuídas pelos estrangeiros e de outro os alienígenas, como eram considerados os estrangeiros, que ignoravam uma existência amazônica e se comportavam como colonizadores. A ideia de dois mundos ou de duas culturas muito diferentes que circulavam num mesmo espaço físico passou a contagiar e imprimir marcas e aspectos gerando uma espécie de campo divisório onde tudo podia ser analisado no mínimo por duas óticas diversas, ou seja, tudo era duplo, mas não necessariamente igual.

Isso – a colonização - ocorre de modo inconsciente e até certo ponto de forma invisível. Essa forma inconsciente ocorre por um domínio colonial que “tem por característica a desestabilidade do povo subjugado, através da usurpação aos costumes, à língua, aos modos de vida, enfim, da negação da cultura desse povo” (SILVA E NENEVÉ 2013, p. 3).

O colonizador ocupa um lugar dominante que enxerga o colonizado como um fraco.

Quando o colonizador afirma, em sua linguagem, que o colonizado é um débil, sugere com isso que tal deficiência reclama proteção. Daí, sem rir – escutei-o frequentemente – a noção de protetorado. É do próprio interesse do colonizado ser excluído das funções de direção; e que essas pesadas responsabilidades sejam reservadas ao colonizador. Quando o colonizador

acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, de maus instintos, ladrão, um pouco sádico, legitima sua polícia e sua justa severidade. (MEMMI, 1989, p.79)

Para Silva e Nenevé (2013, p. 4) “o domínio colonial tem por característica a desestabilidade do povo subjugado, através da usurpação aos costumes, à língua, aos modos de vida, enfim, da negação da cultura desse povo”. Em conformidade com os estudos de Nenevé e Proença (2001),

muitos brasileiros que residem nas grandes metrópoles do sul e sudeste do Brasil corroboram esse jargão colonialista de que na Amazônia, por exemplo, “é tudo desse jeito, feio e inóspito”, ou “isso não muda nunca nessa terra de selvagens.

Os Estados da Amazônia brasileira carregam o estigma de lugar não urbanizado, longe do progresso das grandes cidades do Brasil e também longe (por quilometragem) dos grandes centros do país. Isso é também uma forma de colonização, ou seja, essa propagação discursiva de lugar não habitável é carregada de devir ideológico colonizador, isso porque “a colonização, realidade constante em todas as sociedades humanas, é um processo de expansão para novos espaços geográficos”, que dessa forma “impondo, com base em atos de exploração, dominação e por meio do discurso hegemônico bem elaborado e posto como verdadeiro, a história, a língua e a cultura”. (SILVA & SILVA, 2009, p. 67). Assim sendo, para esses autores,

[...] o conceito de colonização tem tanto o caráter de ocupação e cultivo de novos territórios como de domínio, exploração e instalação cultural, pois a cultura do colonizador é transposta para o novo território. Na maioria dos casos, entretanto, o território colonizado já está ocupado, com habitantes que possuem cultura e estruturas sociais próprias, o que pode dar margem a diferentes formas de contato e ao nascimento de novas sociedades. Não esquecendo, ainda, que a violência e o conflito estão, em geral, presentes na maioria dos processos de colonização, pois a fixação de uma cultura em território já ocupado gera não apenas a imposição de valores culturais, mas também o controle físico sobre os dominados e a resistência por parte desses.

Em síntese, a colonização ocorre no paradigma de imposição do colonizado ao colonizador em diversos elementos, inclusive o cultural, sendo uma “relação de poder

e subordinação entre o colono e colonizado, a relação de culpabilidade” (OLIVEIRA, NENEVÉ & SAMPAIO, 2016, p. 26)

Introdução à análise de discurso

Há diversas formas de se estudar a linguagem. A linguagem exercendo seu funcionamento indica ações discursivas, dessa forma, trataremos de falar aqui da linguagem para além da base linguística gramaticalizada. Orlandi (2009, p. 15) vai dizer que,

a Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na análise de discurso (AD), portanto, “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. ORLANDI (2009, p. 16). Há na linguística um outro olhar para além da forma/molde da frase. Os deslocamentos linguísticos propostos por Orlandi se filiam à linha francesa da análise de discurso, escola fundada por Michel Pêcheux na década de 60. Na constituição de sua teoria e seu método, a análise de discurso vai questionar o que a linguística deixa de fora para se constituir. Para Orlandi (2006),

A noção de discurso resulta de uma reorganização do trabalho intelectual sob o impacto da constituição da: a) linguística, b) do marxismo e c) da psicanálise. Com a linguística ficamos sabendo que a língua não é transparente. Ela tem sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ele não lhe é transparente. Finalmente, com a psicanálise é o sujeito que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo. São, pois, essas diferentes formas de materialidade – de não transparência – que vão constituir o cerne do conhecimento de cada um desses campos de saber. Essas formas de conhecimento vão constituir um lugar teórico propício à elaboração da análise de discurso, mais propriamente, para a formulação do que seja discurso. Dessa forma, a análise de discurso é uma disciplina de entremeio.

A AD vai colocar questões da linguística para a linguística assim como vai colocar questões das ciências sociais para as ciências sociais, interrogando-as, pois, no campo mesmo que elas se constituem. A análise de discurso não é uma resposta a essas questões. Ela vai mostrar que para respondê-las é necessário deslocar-se de terreno constituindo uma região teórica em que o sócio-histórico e linguístico se relacionam de maneira constitutiva e não periférica. O que liga o dizer a sua exterioridade é constitutivo do dizer.

O discurso é também o texto para além do domínio da frase. O texto se organiza através de recortes, um todo ligado às condições de produção e à situação discursiva. Na análise de discurso se detecta o porquê da escolha de determinados conceitos/palavras e não outros. O que está significando pelo explícito e o que não foi dito, também vai significar. As operações analíticas da AD permitem também a ampliação do nível estrutural para um lugar outro, o ideológico de efeitos e sentidos entre locutores. A condição da linguagem apaga a relação entre um dizer e o dizer do outro e aí, coloca-se a interação social da linguagem. Essa relação é intervelar e o sentido também, gerando uma incompletude.

Fazendo a crítica ao esquema elementar da comunicação, Michel Pêcheux (1969) vai dizer que o discurso mais do que transmissão de informação (mensagem) é efeito de sentidos entre locutores. Sobre isso, Orlandi (2006) assevera que,

dizer que o discurso é efeito de sentidos entre locutores significa deslocar a análise de discurso do terreno da linguagem como instrumento de comunicação. Além disso significa, em termos do esquema elementar da comunicação, sair do comportamentalismo que preside a relação entre locutores como relação de estímulo e resposta em que alguém toma a palavra e transmite uma mensagem a propósito de um referente e baseando-se em um código que seria a língua, o outro responde e teríamos aí o circuito da comunicação. Não há essa relação linear entre enunciador e destinatário. Ambos estão sempre já tocados pelo simbólico. Tampouco a língua é apenas um código no qual se pautaria a mensagem que seria assim transmitida de um a outro. Não há, além disso, esta transmissão: há efeitos de sentidos entre locutores. Efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas. Os efeitos se dão porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas.

Dessa forma, para compreender a AD, é preciso um deslocar das análises linguísticas formais, uma vez que a análise de discurso tem como unidade o texto, na

AD trabalha-se “o texto não visto como na análise de conteúdo, em que se o atravessa para encontrar atrás dele um sentido, mas discursivamente, enquanto o texto constitui discurso, sua materialidade”. (ORLANDI, 2006, p. 17).

O corpus da nossa investigação

Apresentamos a seguir, no quadro 1, o texto jornalístico escrito pelo professor:

Quadro 1 – O texto jornalístico “Ballet numa casa de pagode”.

Mesmo sendo uma cidade considerada como o fim do mundo, Porto Velho, a esquecida e imunda capital das “sentinelas avançadas” por incrível que pareça recebeu uma companhia de balé internacional para uma inédita apresentação de apenas uma noite. O Russian State Ballet, uma seleção dos melhores bailarinos profissionais da Rússia, fez uma magnífica apresentação na capital dos rondonienses. Até aí tudo absolutamente dentro da normalidade uma vez que a embaixada russa em Brasília, assim como o Ministério do Exterior daquele país, tem como objetivo incentivar e popularizar esta dança em todo o Brasil e por isso este evento deverá percorrer todas as outras capitais brasileiras. O ineditismo do fato, no entanto, foi a escolha do local de apresentação do espetáculo: a Talismã 21, uma renomada casa de shows na periferia.

Considerada como uma das melhores casas de espetáculos de toda a região Norte do país, a Talismã 21 já deu mostras de sua notória competência e organização, não só para shows artísticos, mas principalmente para festas de formaturas e outras solenidades de grande porte. O problema é que a cidade de Porto Velho tem teatro. Logo dois: o Banzeiros, da Prefeitura Municipal e o outro “o maior teatro sem alvará do país” localizado na Esplanada das Secretarias bem no centro da capital.

A companhia russa de dança deve ter estranhado o fato de ter que se apresentar em uma casa “pouco convencional” para esse tipo de espetáculo. Aliás, em quase todas as outras capitais, os russos se apresentam em amplos teatros e Centros de Convenções, coisas raras aqui. E mesmo sem entender balé, todos ali preferiam Tchaikovsky a barulhentas centrais de ar.

Mas valeu a pena, mesmo com uma hora de atraso e sentados em cadeiras de plástico. Numa cidade onde pagode, toada de boi-bumbá e músicas caipiras, o famoso “sertanojo” universitário, dão o tom musical das quentes e tristes noites, qualquer atração diferente já nos traz curiosidades.

Apesar do alto preço, havia muita gente. Incrível, mas portovelhenses curtindo ballet deve ser coisa do outro mundo mesmo. Por isso, na entrada da casa de shows, viam-se vendedores ambulantes e também pessoas comuns, todos curiosos, perguntando o nome do pagodeiro que estava cantando. “Não é cantor de pagode, não, maninha!”, dizia a espantada piriguete com sua roupa curta. “É um monte de gente dançando como se fossem aquelas apresentações de Boi”, disse. Aí, outra matuta completou: “é Boi, sim. Até ouvi uma toada. Deve ser o Corre Campo”.

Numa “currutela” que nunca valorizou cultura nenhuma, uma vez que o Arraial Flor do Maracujá jamais teve lugar e data certa para acontecer, as festas juninas são geralmente realizadas em setembro ou outubro e o carnaval é no meio do ano, realizar um glamoroso espetáculo de ballet fora de um teatro de verdade é algo perfeitamente aceitável. Fatos bisonhos dessa natureza combinam com Rondônia, com seu povo e com suas autoridades: Porto Velho tem uma ponte, mas sem iluminação. Tem um Espaço Alternativo para caminhadas, mas está inacabado e também às escuras. Tem vários viadutos, mas como não foram terminados, estão apenas enfeando ainda mais o que já era feio e cujas carcaças estão para cair em cima dos transeuntes. Dançar “O Lago dos Cisnes” por aqui é como jogar pérolas aos porcos. Espero que os nobres bailarinos russos não tenham sido obrigados a tomar tacacá ou a comer angu com banana frita.

Fonte: <http://www.tudorondonia.com.br/noticias/ballet-numa-casa-de-pagode-professor-nazareno,53197.shtml>

Análises

No trecho inicial, *“mesmo sendo uma cidade considerada como o fim do mundo, Porto Velho, a esquecida e imunda capital das “sentinelas avançadas” por incrível que pareça recebeu uma companhia de balé internacional para uma inédita apresentação de apenas uma noite”*, detectamos um domínio colonial que “tem por característica a desestabilidade do povo subjugado, através da usurpação aos costumes, à língua, aos modos de vida, enfim, da negação da cultura desse povo” (SILVA E NENEVÉ 2013, P. 3). Há também o que Nenevé e Proença (2001) retratam,

muitos brasileiros que residem nas grandes metrópoles do sul e sudeste do Brasil corroboram esse jargão colonialista de que na Amazônia, por exemplo,

“é tudo desse jeito, feio e inóspito”, ou “isso não muda nunca nessa terra de selvagens.

Nos trechos a) “o ineditismo do fato, no entanto, foi a escolha do local de apresentação do espetáculo: a Talismã 21, uma renomada casa de shows na periferia”; b) “a companhia russa de dança deve ter estranhado o fato de ter que se apresentar em uma casa “pouco convencional” para esse tipo de espetáculo. Aliás, em quase todas as outras capitais, os russos se apresentam em amplos teatros e Centros de Convenções, coisas raras aqui” e c) “Mas valeu a pena, mesmo com uma hora de atraso e sentados em cadeiras de plástico. Numa cidade onde pagode, toada de boi-bumbá e músicas caipiras, o famoso “sertanojo” universitário, dão o tom musical das quentes e tristes noites, qualquer atração diferente já nos traz curiosidades”, há o registro da ocorrência que os Estados da Amazônia brasileira carregam de estigma de lugar não urbanizado, longe do progresso das grandes cidades do Brasil e também longe (por quilometragem) dos grandes centros do país. Isso é também uma forma de colonização, ou seja, essa propagação discursiva de lugar não habitável é carregada de devir ideológico colonizador, isso porque “a colonização, realidade constante em todas as sociedades humanas, é um processo de expansão para novos espaços geográficos”, que dessa forma “impondo, com base em atos de exploração, dominação e por meio do discurso hegemônico bem elaborado e posto como verdadeiro, a história, a língua e a cultura”. (SILVA & SILVA, 2009, p. 67). Assim sendo, para esses autores,

[...] o conceito de colonização tem tanto o caráter de ocupação e cultivo de novos territórios como de domínio, exploração e instalação cultural, pois a cultura do colonizador é transposta para o novo território. Na maioria dos casos, entretanto, o território colonizado já está ocupado, com habitantes que possuem cultura e estruturas sociais próprias, o que pode dar margem a diferentes formas de contato e ao nascimento de novas sociedades. Não esquecendo, ainda, que a violência e o conflito estão, em geral, presentes na maioria dos processos de colonização, pois a fixação de uma cultura em território já ocupado gera não apenas a imposição de valores culturais, mas também o controle físico sobre os dominados e a resistência por parte desses.

Dessa forma, a colonização ocorre no paradigma de imposição do colonizado ao colonizador em diversos elementos, inclusive o cultural, sendo uma “relação de

poder e subordinação entre o colono e colonizado, a relação de culpabilidade” (OLIVEIRA, NENEVÉ & SAMPAIO, 2016, p. 26).

As ideologias desse sujeito colonizador aparecem quando ele transfere para Porto Velho a condição de lugar que não merece receber um *ballet*, evento que, para ele, não pode ser apresentado em uma casa de pagode. Detectamos uma imposição cultural de que “cultura” somente o que pode ser apreciado por “nobres” em lugares de “requinte”, tendo, assim, uma discriminação ao pagode, ao *funk*, às toadas de boi, indo contra tudo que sabemos sobre diversidade cultural. Segundo Althusser (s.d.), a ideologia é a representação imaginária que interpela os sujeitos a tomarem um determinado lugar na sociedade, mas que cria a “ilusão” de liberdade do sujeito. A reprodução da ideologia é assegurada por “aparelhos ideológicos” (religioso, político, escolar etc.) em cujo interior as classes sociais se organizam em formações ideológicas (“conjunto complexo de atitudes e representações”). O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica e, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente à determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (PÊCHEUX, 1990, p.18).

Finalmente, no último parágrafo, o sujeito que aqui classificamos como colonizador, considera Porto Velho uma “currutela”¹ “*que nunca valorizou cultura nenhuma*”. O sujeito desse discurso apresenta que “*Porto Velho tem uma ponte, mas sem iluminação. Tem um Espaço Alternativo para caminhadas, mas está inacabado e também às escuras. Tem vários viadutos, mas como não foram terminados, estão apenas enfeando ainda mais o que já era feio e cujas carcaças estão para cair em cima dos transeuntes. Dançar “O Lago dos Cisnes” por aqui é como jogar pérolas aos porcos. Espero que os nobres bailarinos russos não tenham sido obrigados a tomar tacacá ou a comer angu com banana frita*”. Verificamos, nesse trecho, um discurso colonizador que ocorre de modo inconsciente e até certo ponto de forma invisível.

¹ São pequenas vilas sempre à beira de estradas em locais isolados, fora das cidades, geralmente com prostíbulos frequentados por garimpeiros, tropeiros, etc.

Essa forma inconsciente ocorre por um domínio colonial que “tem por característica a desestabilidade do povo subjugado” (SILVA E NENEVÉ 2013, P. 3). O colonizador ocupa um lugar dominante que enxerga o colonizado como um fraco. Esse ato inconsciente ocorre porque a ideologia também é impregnada por atos inconscientes, ou seja, ideologia e inconsciência estão amplamente correlacionadas. Essa ligação entre ideologia e inconsciente, frisa Orlandi com base em Pêcheux, é material. A materialidade é, portanto, para a autora, o que explica a relação entre o real e o imaginário. (FERNANDES E OLIVEIRA, 2012).

Considerações finais

Detectamos, portanto, que o discurso colonizador foi muito bem difundido pelo professor, isso porque sabemos que o texto foi divulgado em diversos veículos de comunicação na cidade de Porto Velho e também foi fruto de diversos debates em universidades e escolas. Uns concordando com a visão colonizadora do sujeito e outros discordando e ampliando o debate. Apresentamos aqui que essa ideologia de que cidades do norte brasileiro não possuem estrutura sequer para receber um evento de porte internacional é muito comum e difundida em todos os meios. Ressaltamos que o discurso é também o texto para além do domínio da frase. O texto se organiza através de recortes, um todo ligado às condições de produção e à situação discursiva. Na análise de discurso, se detecta o porquê da escolha de determinados conceitos/palavras e não outros. Dessa forma, a escolha das palavras do sujeito, o inscreveu como colonizador, isso porque o colonizador sente uma certa “pena” do colonizado e é como se todos os porto-velhenses não pudessem ter contato com o que é chamado de cultura, trabalhado aqui na noção erudita, sem os preceitos da diversidade cultural e hibridismo, conceitos outros, de diálogos outros, que podemos ampliar em pesquisas outras.

Referências

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 3 ed.



NENEVÉ, Miguel; COOPER, Martin; PROENÇA, Marilene. **Olhares sobre a Amazônia** / Looking at the Amazon. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

NENEVÉ, Miguel e SILVA, Gracilene. **O povo indígena Karitiana: histórias de lutas para sobreviver ao colonizador.** Revista Igarapé 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/624/668>

OLIVEIRA, Keila Maria Silva Teixeira; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. **Discurso e poder:** um olhar sobre a obra Terra Caída, de José Potyguara. Revista Igarapé, vol. 1, n. 2, Porto Velho: UNIR, 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Textualidade.** Campinas. Editora Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **UMA ESCOLA (IN) VISÍVEL:** memória de professoras negras em Porto Velho no início do século XX. Tese (Doutorado). Araraquara. SP, 2010.